

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO
ESPECIALIZAÇÃO – RELIGIOSIDADES AFRO-BRASILEIRAS:
POLÍTICA DE IGUALDADE RACIAL EM AMBIENTE ESCOLAR

RAQUEL ALMEIDA MOREIRA

**PROJETO “GRIOT”: DIDÁTICAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO
DA CULTURA AFRO NAS ESCOLAS - A experiência na comunidade remanescente
quilombola “Colônia do Paiol”**

JUIZ DE FORA

2017

RAQUEL ALMEIDA MOREIRA

**PROJETO “GRIOT”: DIDÁTICAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO
DA CULTURA AFRO NAS ESCOLAS - A experiência na comunidade remanescente
quilombola “Colônia do Paiol”**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Programa de Pós-graduação
em religiões e Religiosidades Afro-
Brasileira: Política de Igualdade Racial em
Ambiente Escolar da Universidade Federal
de Juiz de Fora, sob orientação da
professora Ana Maria Stephan.**

JUIZ DE FORA

2017

Raquel Almeida Moreira

PROJETO “GRIOT”: DIDÁTICAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DA CULTURA AFRO NAS ESCOLAS - A experiência na comunidade remanescente quilombola “Colônia do Paiol”

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, especialização – Religiosidades afro-brasileiras: políticas de igualdade em ambiente escolar, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do título de especialização em religiosidades afro-brasileiras.

Aprovada em (dia) de (mês) de (ano)

BANCA EXAMINADORA

Dra. Ana Maria Stephen - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Ms. Mariane Ambrósio Costa
Universidade Federal de Juiz de Fora

DEDICATÓRIA

A Martha Almeida Moreira, a mulher mais extraordinária, sábia e inspiradora desse mundo, com quem tenho o privilégio de compartilhar minha existência enquanto filha e eterna aprendiz. Te amo infinitamente e lhe dedico não apenas esta, mas todas as minhas conquistas, pois você é a responsável por me fazer permanecer em constante busca por evolução enquanto pessoa, afinal convivo com a melhor delas. Sem você a vida seria vazia, sem beleza. Obrigada por tudo, mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as/os professoras/es pelo conhecimento compartilhado, a/aos minhas/meus alunas/os pela constante e inestimável troca que traz plenitude a vida, a equipe de artistas que gentilmente topou esta empreitada e especialmente a Zezé e todos da Colônia do Paiol que tão carinhosamente me receberam para a realização deste projeto.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”
Paulo Freire

RESUMO

Apesar dos valorosos avanços políticos, jurídicos e sociais alcançados ao longo do tempo no sentido de valorizar a cultura afro e promover sua abordagem no âmbito da sala de aula, verifica-se que sua real efetivação na práxis escolar ainda é escassa e que mesmo em um país miscigenado como o Brasil o racismo infelizmente ainda se faz fortemente presente nas escolas. Nesse sentido, o presente artigo apresenta um projeto que engloba didáticas e práticas pedagógicas que visem contribuir para a abordagem e valorização da cultura afro em sala de aula, bem como promover o empoderamento de jovens negros através da reflexão crítica, desconstrução de estereótipos negativos associados ao povo negro e do efetivo combate ao racismo. Intitulado “Griot” em referência aos sábios africanos responsáveis por transmitir oralmente o conhecimento de seu povo, trata-se de um projeto interdisciplinar, de viés interseccional, que se pretende libertário, horizontal e dinâmico, voltado não para a apreciação passiva dos discentes, mas para sua real participação e protagonismo no processo ensino-aprendizagem. No intuito de consolidar tais objetivos, propõe-se a realização de atividades como rodas de conversa, sarau, dinâmicas e oficinas que perpassam variadas manifestações da cultura afro como RAP, Breakdance, Graffiti, Capoeira, Funk e etc. Este artigo apresenta ainda a descrição detalhada do desenvolvimento deste projeto, em uma edição especial realizada no dia da Consciência Negra, em uma comunidade remanescente quilombola, a “Colônia do Paiol”, localizada na Zona Rural do município de Bias Fortes, Minas Gerais.

Palavras-chave: Cultura afro – Racismo – Escola – Didática – Quilombola

ABSTRACT

Despite the valuable political, juridical and social advances achieved over the time in order to valorize the Afro culture and promote its approach in the classroom's context, we can verify that its real effectiveness in school's praxis is still scarce and that even in a country with high miscegenation as Brazil, unfortunately racism is still strongly present in schools. In this sense, this article presents a project that encompasses didactic and pedagogical practices that aim to contribute to the approach and valorization of Afro culture in classroom, as well as to promote the empowerment of the young afrodescendants through critical reflection, deconstruction of negative stereotypes associated to the afrodescendent people and the effective fight against racism. Entitled "Griot" in reference to the African sages responsible for orally transmitting the knowledge of their people, it is an interdisciplinary project, with an intersectional perspective, which is intended to be libertarian, horizontal and dynamic, focused not on the passive appreciation of students but on their real participation and protagonism in the teaching-learning process. In order to realize these objectives, this project involves activities like conversation wheels, poetry show, dynamics and workshops that pass through several manifestations of the Afro culture like RAP, Breakdance, Graffiti, Capoeira, Funk and etc. This article also presents a detailed description of the development of this project, in a special edition realized on Black Conscience Day, in a remanent quilombola community, called "Colônia do Paiol", localized in the rural area of the "Bias Fortes" city, in Minas Gerais.

Key-words: Afro Culture – Racism – School – Didactic – Quilombola

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
PROJETO GRIOT.....	13
1) Interdisciplinaridade.....	13
2) Interseccionalidade.....	14
3) Religiões afro-brasileiras.....	15
3.1 – Proposta de atividade 1: “Conhecendo os Orixás”	17
3.2 – Proposta de atividade 2: “Mostra de culinária africana”	18
4) Música Negra.....	18
4.1 – Proposta de atividade: “Música Negra”	20
5) Beleza negra.....	20
5.1 – Proposta de atividade: “Valorize a beleza negra!”	21
6) Varal poético.....	22
7) SarauAfro.....	23
8) Questões anônimas.....	23
9) Graffiti interativo.....	25
10) Avaliação diagnóstica.....	26
A COMUNIDADE COLÔNIA DO PAIOL.....	27
DESENVOLVIMENTO DO PROJETO NA COLÔNIA DO PAIOL.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
ANEXOS.....	45

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta um projeto que tem por objetivo promover, no âmbito escolar, a reflexão crítica a cerca da questão afrodescendente no Brasil, ampliar a visibilidade sobre a cultura afro, desconstruir estereótipos negativos em relação ao negro, sua cultura, arte, religiosidade; bem como promover o empoderamento dos jovens pardos, morenos e negros que sabidamente compõem a maior parcela da população brasileira. A iniciativa de consolidar um projeto voltado para a cultura afro decorre do imperativo de se agregar recursos, didáticas e meios que ampliem a visibilidade da questão negra em sala de aula e auxiliem o/a educador/a que visa construir uma prática pedagógica verdadeiramente inclusiva e democrática.

Apesar dos valorosos avanços políticos, jurídicos e sociais alcançados ao longo do tempo no sentido de valorizar a cultura afro – tais como o estatuto da igualdade racial, a política de cotas, a Lei 9.459 que complementando a Lei 7.716 passou a definir o racismo como crime, ou ainda a Lei 10.639/03 que permitiu incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática de história e cultura afro-brasileira e africana – infelizmente podemos observar que na práxis cotidiana, bem como no contexto escolar, ainda hoje presenciamos o racismo, a discriminação, permanência de estereótipos negativos e estigmas sociais associados ao negro e todas as facetas de sua identidade. Isto pode ser observado por exemplo, desde a desvalorização da própria estética negra, reprimida por um padrão de beleza eurocêntrico, inatingível e excludente, na questão religiosa, em que vergonhosamente ainda hoje presenciamos a demonização de sua religião e a intensa perseguição a seus adeptos, ou em uma questão política mais ampla, que evidencia como negros ainda ocupam uma parcela ínfima de cargos de status social elevado e sofrem diariamente com o racismo ao longo de sua trajetória escolar, acadêmica, trabalhista e etc.

Além disso, é possível observar que apesar da existência dos mecanismos de inclusão e valorização da cultura afro na Rede de Ensino Brasileira, na práxis cotidiana escolar não se verifica sua total efetivação. Apesar de existirem diversas escolas que consolidaram experiências muito enriquecedoras neste sentido, observa-se entretanto, que em grande parte da Rede de Ensino brasileira muitas escolas sequer abordam a temática, ou se limitam a uma abordagem superficial e por vezes alienada da cultura afro, inclusive restrita a datas comemorativas oficiais, tais como o "Dia da consciência negra" comemorado em 20 de Novembro.

Desde modo, fica evidente como urge a necessidade de construir recursos que auxiliem a prática pedagógica sobre a questão afro, promovendo uma perspectiva interdisciplinar e efetivamente democrática que promova o real empoderamento dos jovens pardos, morenos e negros e a tomada de consciência dos discentes sobre a gravidade e consequências do racismo. Construir uma didática contra-hegemônica que problematize a questão racial e efetive o respeito a diversidade, é em ultima instância uma forma de promover o respeito aos direitos humanos, a cidadania e a real democratização do ensino. A supracitada necessidade de se reinventar a pratica pedagógica para abarcar com qualidade a questão étnico-racial já fora apontada por inúmeros/as autores/as, tais como Rosa Margarida Carvalho, que ao propor uma "pedagogia da diversidade" nos elucida a este respeito na seguinte passagem

O respeito efetivo as diferenças e, especialmente, a possibilidade da reeducação das relações étnico-raciais e de gênero tornam-se essenciais para o desenvolvimento de atitudes, valores e respeito aos direitos humanos e a pluralidade etnico-racial brasileira. (...) A necessidade, então é a de construir arcabouço didático que dê sustentação a uma nova pedagogia. (ROCHA, 2009, p.8).

Neste sentido, o presente trabalho de conclusão de curso, objetiva contribuir para luta pela promoção da igualdade racial e efetivação do ensino da cultura negra, com meios pragmáticos - tais como atividades, oficinas, dinâmicas, debates, e etc - sob uma abordagem abrangente, interdisciplinar e contextualizada com a realidade cotidiana dos discentes em questão. Além disso, vale salientar que o presente artigo também visa abordar a questão racial sob o viés da interseccionalidade, ou seja, considerando as múltiplas categorias que se relacionam a questão afro, como gênero, orientação sexual, classe, religião e etc.

Sendo assim, tendo por objetivo conceber práticas pedagógicas que atendam aos objetivos expostos aqui, bem como se apresente de forma instigante e atrativa para os discentes, a questão da contextualização torna-se proeminente, pois superar os inúmeros preconceitos arraigados no imaginário estudantil sobre a identidade, historia e cultura negra, torna-se tarefa muito mais fácil quando partimos de um interesse prévio dos discentes e contextualizamos o conteúdo com sua própria vivência. O inigualável Paulo Freire, que tanto nos elucidou sobre um educação libertária, inclusiva, horizontal e democrática, evidencia no trecho a seguir a importância do diálogo com os discentes inclusive para a própria formulação do conteúdo programático

Somente o diálogo, que implica num pensar crítico, pode também gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação. (...) Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático na educação não é uma doação ou uma imposição - um conjunto de informes a ser depositado no educando, mas a revolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada." (FREIRE, 1987, p.46).

Deste modo, procuramos evidenciar como o presente projeto decorre da influência de diversas necessidades ainda hoje enfrentadas pela população negra: o combate ao racismo, resgate de sua ancestralidade e memória, acesso e valorização da cultura, problematização da questão étnico-racial no Brasil contemporâneo, reflexão crítica sobre o papel das instituições sociais no processo de invisibilização e desvalorização da cultura afro, combate a perseguição as religiões de matriz africana, desconstrução de estereótipos e juízos de valor negativos associados a população negra, ampliar espaços de verbalização e promover e efetivar o empoderamento dos discentes.

Apesar de ter tomado forma em um ano de muitos golpes e incertezas em que a educação, dentre outros direitos básicos, se encontra fortemente ameaçada por significativos retrocessos - como a “PEC da maldade” a antiga PEC 241/2016 (atual PEC 55/2016), MP da Reforma do Ensino Médio (Nº746/2016) e iniciativas deploráveis como a Escola sem Partido (projeto de Lei 193/2016); o presente projeto felizmente encontrou viabilidade prática em dois momentos ainda no ano de 2016. O primeiro momento aconteceu na Escola Estadual Ali Halfeld em que leciono Sociologia desde 2015, no dia 19/11/16 de 08:00 as 13:00 e no dia seguinte na comunidade remanescente quilombola “Colônia do Paiol”, localizada na Zona Rural do município de Bias Fortes a aproximadamente duas horas da cidade de Juiz de Fora. Tendo em vista que intenciono ampliar este artigo futuramente, para adaptar o projeto as exigências de um possível mestrado e/ou financiamento para que o mesmo se torne itinerante e não mais se limite as escolas em que leciono ou tive contato, este artigo abordará exclusivamente esta ultima experiência na Colônia do Paiol, apresentando a narrativa do desenvolvimento do projeto nesta comunidade remanescente quilombola.

A efetivação do projeto na comunidade da Colônia do Paiol se deu no dia 20 de Novembro entre as 10:30 e as 19:00 na Escola Municipal Joaquim Ribeiro de Paula e envolveu diversas atividades que perpassam elementos da cultura afro elencados anteriormente que serão melhor analisados no capítulo a seguir.

PROJETO GRIOT

Este trata-se de um primeiro esboço escrito de um projeto que idealizo a anos e sigo realizando constantes adaptações, mudanças e aprimoramentos. Vale destacar que sua aplicabilidade deve ser contextualizada em cada experiência, escola, sala de aula e etc, tendo em vista as particularidades de cada público alvo. A oralidade que sabidamente tem papel proeminente na cultura africana, é também um dos recursos que permeia grande parte deste projeto, que envolve declamação e análise de músicas, poesias, rodas de conversa e etc, no intuito de romper com o modelo ainda hoje recorrente nas escolas, que impõe que os alunos apenas copiem e leiam, sem muitas atividades lúdicas e/ou espaço para verbalização. Sendo assim, o projeto foi nomeado Griot em referência aos Griots africanos, antigos contadores/cantadores das histórias de seu povo; a pura personificação da memória em arte e musicalidade. Conforme demonstrado por Santiago

Chama-se griot (pronúncia: "griô") ou ainda jeli (ou djéli) um personagem importante na estrutura social da maioria dos países da África Ocidental, cuja função primordial é a de informar, educar e entreter. É uma figura semelhante ao repentista no Brasil, com a diferença de que constituem uma casta (costumam casar-se somente com outros griots ou griottes, seu equivalente feminino), assumindo uma posição social de destaque em seu meio, pois este é considerado mais que um simples artista. O griot é antes de tudo o guardião da tradição oral de seu povo, um especialista em genealogia e na história de seu povo. (SANTIAGO, 2012, p.1).

No intuito de utilizar da oralidade, música e arte em geral para abordar a história, por vezes propositalmente anulada do povo negro, de maneira dinâmica em que os alunos não decorem, mas conheçam de fato a história de nossos antepassados e possam eles mesmos passar adiante o conhecimento compartilhado ao longo do projeto, é que o Projeto Griot foi concebido.

A seguir serão listados alguns elementos, aspectos e propostas de atividades que norteiam este projeto que tem por objetivo contribuir com sugestões de práticas pedagógicas aos/as educadores/as que visem abordar a cultura afro-brasileira de maneira dinâmica.

1) Interdisciplinaridade

O projeto deve ser norteado por uma perspectiva interdisciplinar, em que educadores de diferentes disciplinas se reúnam a fim de trabalharem de maneira coesa múltiplas perspectivas e abordagens sobre um mesmo fato. A tarefa de abordar a questão afro-brasileira não deve ser exclusividade de uma ou outra disciplina, mas deve ser uma iniciativa adotada

integralmente pela escola para que desta maneira os discentes percebam sua importância e tenham acesso a múltiplas perspectivas que se complementam.

2) Interseccionalidade

Conceito sociológico de autoria feminista, bem como uma das vertentes do próprio Movimento, a noção de interseccionalidade diz respeito a uma perspectiva voltada para a investigação da influência das interações entre diversas estruturas de poder, em especial sobre minorias políticas como mulheres, negros, LGBTTI's e etc. As origens da noção de interseccionalidade pode ser observada na seguinte passagem do texto “Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais” de Helena Hirata

A vasta literatura existente em língua inglesa e mais recentemente também em francês aponta o uso desse termo, pela primeira vez, para designar a interdependência das relações de poder de raça, sexo e classe, num texto da jurista afro-americana Kimberlé W. Crenshaw (1989). Embora o uso do termo a ponto de se tornar hit concept, como denomina Elsa Dorlin (2012), e o franco sucesso alcançado por ele datem da segunda metade dos anos 2000, pode-se dizer que sua origem remonta ao movimento do final dos anos de 1970 conhecido como Black Feminism (cf. Combahee River Collective, 2008; Davis, 1981; Collins, 1990; Dorlin, 2007), cuja crítica coletiva se voltou de maneira radical contra o feminismo branco, de classe média, heteronormativo. A problemática da “interseccionalidade” foi desenvolvida nos países anglo-saxônicos a partir dessa herança do Black Feminism, desde o início dos anos de 1990, dentro de um quadro interdisciplinar, por Kimberlé Crenshaw e outras pesquisadoras inglesas, norte-americanas, canadenses e alemãs (HIRATA, 2014, P.62).

A perspectiva interseccional seria portanto uma perspectiva integrada, que não considera apenas um fator, mas as múltiplas formas de dominação que podem influenciar a identidade e trajetória de um indivíduo. Sou adepta desta vertente por conceber que um fator isolado não poderia constituir a única influência sobre a vida de um indivíduo e que a realidade de um cidadão não pode ser compreendida sem que se leve em conta a influência de múltiplas estruturas de poder que atuam de maneira diferenciada em relação a identidade do sujeito, em especial aos que se encontram nas posições menos privilegiadas das diferentes formas de estratificação social. Uma mulher ocupa uma posição marginalizada na sociedade em função do patriarcado que a inferioriza pelo sexo biológico, mas se esta mulher for negra ela é duplamente marginalizada pois além do machismo também é afetada pelo racismo; se for lésbica também sofre as consequências da LGBTTI fobia e assim sucessivamente. Ainda no texto supracitado, Hirata segue nos apresentando uma brilhante definição de Bilge a respeito da noção de interseccionalidade

Essa formulação do início dos anos de 1990, desenvolvida posteriormente pela própria Crenshaw e outras pesquisadoras, tem hoje, na definição de Sirma Bilge, uma boa síntese: A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (Bilge, 2009, p. 70) (HIRATA, 2014, P.62-63).

A partir desta perspectiva, o Projeto Griot visa contemplar a questão étnico-racial não de maneira isolada, mas procurando investigar sempre que possível as relações que se estabelecem entre outras categorias como gênero, classe, orientação sexual e etc. Não por acaso, diversos textos, poemas e músicas sugeridos aqui abordam o racismo sobre a perspectiva da mulher negra, levando-se em conta as particularidades envoltas nesta condição de dupla marginalidade, ou tripla se considerarmos por exemplo uma mulher negra e pobre. Na certeza da importância de se desenvolver nos/nas alunos/as uma perspectiva de enfrentamento não apenas contra a discriminação da qual este porventura possa ser vítima, mas sim contra todas as formas de discriminação em um constante exercício de empatia e alteridade, a perspectiva da interseccionalidade se demonstra portanto como um ótimo recurso para que o/a educador/a promova questões que reflitam de maneira mais abrangente sobre as múltiplas facetas da desigualdade.

3) Religiões afro-brasileiras

Objetivando abordar a cultura afro-brasileira em suas múltiplas facetas, o aspecto religioso pode funcionar como um ponto de partida para o diálogo com os discentes, pois além de constituir locus privilegiado para conhecer a fundo conjuntos de valores, visões de mundo, valores simbólicos e práticas culturais de influência africana; também é infelizmente ainda hoje, alvo de forte discriminação, ou em outras palavras “racismo religioso”. Apesar de vivermos em um Estado que se pretenda laico, inúmeros são os casos de violência simbólica, verbal e até mesmo física contra os adeptos dessas religiosidades.

Sabendo-se que desenvolver o quanto antes nos jovens a noção de respeito para com as diferenças é um imperativo para uma sociedade verdadeiramente democrática e inclusiva, a desconstrução de estigmas associados as religiosidades afro-brasileiras, profundamente arraigados no imaginário social até mesmo de crianças e adolescentes, é de fundamental importância.

É importante demonstrar como apesar de, como qualquer outra religiosidade, as religiões afro-brasileiras possuem suas particularidades, elas enquanto religiões compartilham do constante processo de transformação e influência a que toda instituição religiosa está submetida. No trecho a seguir, Milton Silva dos Santos destaca a importância de se assinalar para os jovens que

misturas, identificações e intercâmbios são frequentes nas religiões afro-brasileiras e constituinte delas. Não só das africanas, mas todas as religiões são instituições dinâmicas que se transformam de acordo com as circunstâncias socioculturais advindas de fora. Se fossem incapazes de rever ou mesmo abandonar o passado, elas poderiam desaparecer completamente, deixando, quando muito, um mero vestígio histórico e arqueológico (SANTOS, 2013, P. 11).

Desse modo, após naturalizar uma perspectiva das religiões afro-brasileiras enquanto religiões em si, não como desordem, rito, credences e etc, mas como uma religião que possui particularidades como qualquer outra, o/a educador/a pode então dar sequência apresentando a historicidade e aspectos particularidades das religiões afro-brasileiras. Sugiro a leitura na íntegra do texto “*Afinal o que são as religiões afro-brasileiras*” de Milton Silva dos Santos (2013), que apresenta de maneira bem breve e didática um panorama sobre o Candomblé e a Umbanda. A depender da idade e nível escolar dos alunos em questão, no caso de ser o Ensino Médio, o texto pode ser até mesmo proposto como bibliografia base.

Ao longo do curso de pós graduação a que esta tese de conclusão de curso diz respeito, uma das práticas que mais admirei foi o trabalho de campo nos terreiros de Umbanda e Candomblé. Deste modo, não pude deixar de pensar como esta seria uma experiência interessante também para os alunos. De certo que em função do racismo religioso conseguir permissão dos responsáveis dos/das alunos/as não seria tarefa fácil, mas acredito verdadeiramente que (nem que fosse em um dia de festa aberta ao público, ou para um grupo pequeno de jovens) esta experiência de poder visitar os terreiros agregaria-lhes muito conhecimento, pois a oportunidade que tive ao longo do curso de conhecer empiricamente os terreiros reafirmou ainda mais a certeza que tinha da importância de se conhecer na prática nosso objeto de estudo. O imaginário infanto juvenil está repleto de estereótipos negativos associados ao Candomblé e a Umbanda e portanto acredito que uma visita aos terreiros, entrevistas com mães, pais e filhos de santo seria fundamental também para os estudantes do Ensino Médio, não apenas para profissionais que como eu optaram por se especializar nesta área.

Se ainda hoje em muitas escolas da Rede pública alunos são obrigados a rezar antes das aulas ou fazer missas nas formaturas do 3º Ano, será que uma visita ao terreiro seria algo

tão inadmissível assim? Não podemos permitir o acesso privilegiado a uma religião e a demonização das demais; de que maneira os jovens alunos que são “povo de santo” se sentirão representados assim? Pela própria naturalização do racismo religioso, trata-se de tarefa árdua, mas deixo essa sugestão que tenho por objetivo para o ano letivo que se aproxima. Se de fato não conseguir promover uma visita dos alunos ao terreiro, ao menos levarei uma Mãe de Santo para realizar uma roda de conversa com os mesmos, para que pelo menos possam ter um relato de vivência, com mais propriedade do que uma especialização pode fornecer.

Apesar das ameaças que a educação vem sofrendo no ano de 2016, o/a educador/a ainda goza do que se chama “autonomia de sala de aula” e liberdade para construir sua didática, sendo assim, este/a deve construir um diálogo com a direção no sentido de destacar a importância do contato dos alunos com elementos da cultura afro. Este ano tive o privilégio de ver Capoeira, RAP, poesia e de grafitar o Nelson Mandela na escola em que apliquei este projeto, mas para o ano que vem, quero expandir para manifestações da cultura afro que não disponham de tanto prestígio social como é o caso do Hip Hop e da Capoeira por exemplo. São justamente os segmentos mais marginalizados da cultura afro que acredito que devam ser trabalhados em sala de aula. Que trata-se de grande desafio, é um fato. Mas se ninguém se atrever a experimentar o novo e enfrentar estigmas arcaicos, ver a história do povo negro ser abordada na mesma proporção que a história dos brancos, permanecerá sendo um sonho.

De maneira mais imediata, outras sugestões de atividades talvez não tão polêmicas que podem ser abordadas em sala para o ensino acerca das religiões afro, podem envolver mostra de vídeos sobre o tema, jogo da memória sobre os Orixás, concursos de desenho ou poesia sobre o tema, e um trabalho de pesquisa interativo como o proposto a seguir.

3.1 – Proposta de atividade 1: “Conhecendo os Orixás”

Inicia-se com o ato do/da educadora de realizar diversas questões aparentemente ingênuas para a turma que tenham como plano de fundo aspectos associados a Orixás específicos, por exemplo “qual sua cor preferida?”, “quem aí é vaidoso/a e gosta de se enfeitar bastante?” e a partir de então demonstrar como tais preferências e sentimentos inerentemente humanos que eles mesmos expuseram, também são características particulares de cada Orixá. Assim, seria proposto que cada aluno/a pesquisasse o Orixá que reúne as características que mais se assemelham as suas próprias e apresentaria (como bem entendesse: desenho, vídeo, datashow, teatro, música) em um momento futuro, observações sobre sua pesquisa para a turma. O objetivo dessa atividade é humanizar a visão, geralmente negativa que os alunos

possuem sobre os Orixás, apresentando-lhes as características de cada um, a partir da aproximação com as próprias particularidades subjetivas intrínsecas a cada discente.

3.2 – Proposta de atividade 2: “Mostra de culinária africana”

Todo educador muito provavelmente já presenciou ao menos uma Feira de Ciências, Mostra cultural ou uma versão escolar de Festa das nações. Tendo em vista que a cultura afro geralmente é relegada a um espaço mínimo nestes eventos, a proposta desta atividade é tirar a cultura afro da posição de coadjuvante e situá-la na de protagonista. Se ano após ano, uma mesma escola realiza os eventos supracitados, porque não inovar com uma mostra africana? Da mesma maneira que os alunos se organizam para fazer eventos que abordem esportes, personalidades e pratos típicos do Brasil e do mundo, podem ao menos uma vez no ano fazer o mesmo com a temática afro. Se não uma mostra cultural mais abrangente que envolva aspectos culturais variados da cultura afro, ao menos uma mostra culinária parece viável. Já lecionei em escolas onde os alunos fizeram mostras culturais em que dispunham hambúrgueres, fritas, croissants para representar países a que se referiam, então imaginei de fazer o mesmo com a rica culinária afro-brasileira.

Após uma reflexão crítica em que o/a educador/a problematiza o fato de muitos alunos já terem experimentado pratos típicos de outros países, como sushi ou hambúrguer por exemplo, mas que todavia nunca experimentaram acarajé, abará, caruru e afins, típicos da culinária afrobrasileira, pode-se dividir a turma de modo a fazer um ou mais pratos que possuam influência africana. Esta atividade pode estar associada com a atividade anterior em que os alunos trariam comidas associadas as religiões afro (Ex.: Pipoca associada aos Erês), ou apenas pratos brasileiros que tenham influencia africana. Cada equipe (por uma questão financeira fazer individualmente é inviável) apresentaria sua iguaria, contando a historia quando houver e narrando a própria experiência de experimentação. Os conhecimentos prévios a que os/as alunos/as devem ter acesso para a consolidação desta atividade envolvem dentre outros, os conceitos de globalização, hegemonia, contemporaneidade e capitalismo; para que se exponha as razões – e o racismo que as permeia – de a culinária de influência africana não ter a mesma visibilidade e reconhecimento das demais.

4) Música Negra

Dentre as inúmeras contribuições do povo negro a Arte, não poderíamos deixar de citar a grandiosa diversidade musical cujas raízes, transformações e influências remontam aos africanos e afrodescendentes. Além de grandes ícones detentores de voz e/ou habilidades

inigualáveis como Ray Charles, James Brown, Chuck Berry, Jimmy Hendrix, Stevie Wonder, Tina Turner, Nina Simone e Milton Nascimento, para citar apenas alguns, diversos estilos musicais só existiram graças ao povo negro. A este respeito, André de Oliveira Santos demonstra como em toda extensão do continente americano nos deparamos com ritmos e danças oriundos da diáspora negra, ao evidenciar que

Do Norte ao Sul da América, o ritmo e a dança neste continente construíram-se graças ao corpo africano. Se nos EUA o ritmo do Jazz é derivado dos tambores, enquanto o Gospel é fruto dos spiritual, na América Central os africanos plantaram sementes e seus descendentes colheram o Nayabinghy, o Ska, o Reggae, o Dub, o Calipso, o Mambo, a Salsa, a Rumba, entre outros ritmos. Na América do Sul não foi diferente; no Brasil, país que recebeu mais de quatro milhões de africanos no período da escravidão, o Samba, ritmo nacional, possui reconhecidas raízes no continente africano, sem falar nos ritmos regionais do Coco, do Baião e do Maracatu (SANTOS, 2013, P. 45)

O próprio Movimento Hip Hop que nos apresenta o RAP; além do Funk brasileiro, dentre outros estilos musicais, também podem ser somados a esta lista de musicalidade de influência negra. Estes dois últimos estilos musicais, o RAP e o Funk, estão frequentemente entre as preferências dos jovens e apesar de nítidas diferenças, trazem na verdade também uma série de aproximações; como podemos observar na passagem a seguir na qual Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes fazem uma interessante análise a luz das reflexões do sociólogo Juarez Dayrell

Segundo o autor (Dayrell), é num contexto de inserção, visibilidade e “invasão” da juventude pobre e negra nos centros urbanos que podemos situar o movimento hip hop (dentro do qual encontramos o rap) e o funk. Ambos expressam forte presença da juventude negra em sua criação, na produção e divulgação desses estilos musicais. Além disso os dois estilos possuem a mesma origem – a música negra americana – que incorporou a sonoridade africana, baseada no ritmo e na tradição oral. Funk e rap são herdeiros diretos do soul que, depois de ser a trilha sonora dos movimentos civis americanos da década de 1960 e um símbolo da consciência negra, teve suas características revolucionárias transformadas devido ao processo de divulgação e expansão na sociedade de consumo e de massas. (...) Para os jovens da periferia que, geralmente, não tem acesso a uma formação musical, o rap e o funk são dos poucos estilos que lhes permitem realizar-se como produtores musicais e artistas (MUNANGA&GOMES, 2004, p.163).

Nesse sentido, como é praticamente impossível que em uma sala de aula inexistam alunos que gostem de ao menos um dos estilos supracitados acima, a proposta de atividade a seguir tem por objetivo fomentar a valorização da cultura afro a partir do viés musical.

4.1 – Proposta de atividade: “Música Negra”

Cada aluno teria que pesquisar e apresentar para a turma, alguma música, de qualquer estilo musical que possua sua origem ligada ao povo negro. Poderia ser feito nos moldes de uma mostra ou até mesmo em uma versão afro de “Show de talentos” em que os alunos interpretariam canções de origem e/ou influência negra. Apesar de não ser muito afeita a ideia de hierarquizar e premiar os alunos por acreditar que toda participação é válida (e que não há sentido em estimular ainda mais a competitividade frente ao cruel, excessivo e constante estímulo a que já estamos imersos no sistema capitalista), a possibilidade de premiação pode ser utilizada, a depender do contexto escolar, no sentido de estimular a participação dos discentes. Alunos que gostam de escrever podem ainda criar músicas relacionadas ao tema e expor na ocasião. Outra sugestão é que este show de talentos culminasse com um dia de apresentações em que a escola convidasse também artistas negros locais, para estimular o interesse dos alunos pela cena regional, a tomada de conhecimento acerca do que tem sido produzido por negros atualmente em sua própria cidade, bem como estimular os talentos da própria escola através da representatividade presente no ato de ver artistas negros empoderados que obtiveram sucesso em sua própria cidade.

5) Beleza negra

O sórdido e inatingível padrão de beleza eurocêntrico difundido pela mídia é explicitamente racista e impõe desde a socialização primária das crianças negras, noções deturpadas sobre o que é “belo”, num contexto em que cabelos crespos, narizes largos, lábios carnudos e as demais características físicas típicas dos negros é sempre desvalorizada e inferiorizada. Nessa sociedade profundamente racista em que vivemos, observamos a alienação generalizada e uma anulação proposital da história do povo negro, num contexto em que todas as instituições sociais corroboram em maior ou menor medida na consolidação, naturalização e constante reforço de uma noção de inferioridade e auto-desvalorização no imaginário do povo negro, mais facilmente ainda introjetada pelas crianças e jovens. Ao propor uma oficina a que chamou “Oficina da auto-estima” que visa segundo ela positivar a história negra através da leitura, Andrade discorre a respeito das consequências desta invisibilização e ausência de representatividade e referenciais a que a criança negra está exposta, na seguinte passagem

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega a fase adulta com total rejeição a sua origem

racial, trazendo-lhe prejuízo a vida cotidiana. Referências, segundo Distante, são pontos claros no próprio passado (DISTANTE, op. cit. p. 84). Se a pessoa acumula na sua memória as referências positivas de seu povo, é natural que venha a tona o sentimento de pertencimento como reforço a sua identidade racial. O contrário é fácil de acontecer, se se alimenta uma memória pouco contrutiva para sua humanidade (ANDRADE, 2005, p.120).

No intuito de romper com os ideias racistas de beleza e estimular o empoderamento e autoestima dos jovens discentes negros, a proposta de atividade a seguir diz respeito a algo como um “concurso” (prefiro o termo “mostra” por, como disse anteriormente, não ser afeita a competições, principalmente as de cunho estético) de beleza em que a logica hegemônica sobre padrões estéticos é rompida e a figura do negro passa a assumir posição de destaque e admiração.

5.1 – Proposta de atividade: “Valorize a beleza negra!”

Por meio de um concurso de fotografias (dos/das próprios/as alunos/as da escola ou em que eles/as retratem parentes e amigos/as) ou desfile de moda voltado para todos os gêneros, o educador, após trabalhar as noções de padrão de beleza, alienação, instituições sociais e eurocentrismo, iria estimular que os/as alunos/as se “produzissem” de modo a valorizar ao invés de esconder (através de maquiagem ou alisamentos capilares, por exemplo) suas características físicas; exaltar a própria beleza negra. Uma das consequências mais sórdidas do racismo, ao meu ver, é aquela que leva o próprio negro a se desvalorizar, sentir se mal, feio, inferior em relação ao branco; portanto o resgate da autoestima negra nos jovens estudantes é de fundamental importância.

Sendo assim, antes que o jovem incorpore totalmente o nefasto padrão de beleza a que é constantemente exposto através da mídia (e reproduzido pelo senso comum) cabe ao educador agir na contramão deste processo e mostrar que a beleza é uma questão de perspectiva e que não é porque a mídia não divulga que a estética negra será vista como ruim, pois ela é na verdade belíssima. Como sou professora de Sociologia, tenho um espaço privilegiado para discutir os conceitos sociológicos citados anteriormente e ao longo dos quatro anos em que leciono em diferentes escolas da Rede Pública, já tive o prazer de presenciar a transformação de mais de trinta alunas que optaram por fazer transição capilar (deixar de alisar o cabelo) após minhas aulas. Algumas raspam, outras fizeram tranças de lã ou cabelo artificial para que seu próprio cabelo fosse crescendo a ponto de cortar as partes que tinham química.

Não tenho palavras para descrever a emoção de ver, as vezes até mesmo ao longo do ano letivo, a transformação radical das alunas que fizeram essa escolha e que foram de alguém que tinha o cabelo degradado, repleto de cortes químicos, opaco, sempre preso ou com cremes, sendo referido por elas como “cabelo ruim”; se tornarem divas lindíssimas com black powers incríveis, turbantes exuberantes ou tranças coloridas, mas agora sempre soltos e radiantes. Poucas experiências me fizeram sentir tão plena enquanto educadora, pois quando comecei a dar aula aos vinte e dois anos, apesar de saber que assumiria a posição de formadora de opinião, era inconcebível para mim que eu, em minha humilde insignificância, poderia contribuir de alguma maneira real para a implementação de mudanças tão profundas na vida dos/das alunos/as.

Sou privilegiada por poder ter a oportunidade de tentar lutar contra as opressões desse sistema de beleza sórdido que aliena meus/minhas alunos/as, pois em um sistema caótico como sabidamente é a Rede Pública, empobrecido, extremamente burocratizado, que dá migalhas aos profissionais da educação sem nos fornecer as mínimas condições de trabalho, são conquistas em pequena escala como essa, que fazem tudo valer a pena.

6) Varal poético

Uma opção que pode estar permanentemente exposta na escola (sendo constantemente alterado com o passar do tempo) ou ser utilizada na ocasião do projeto, é o varal poético. Como o nome indica, trata-se de uma corda, semelhante a um varal, em que são afixadas folhas com imagens e dizeres que podem ou não estar relacionados a um tema específico. No caso do Projeto Griot, seria um varal temático, em que ícones negros, símbolos do movimento negro, frases marcantes, músicas e poesias relacionadas a temática afro estariam ao acesso dos estudantes.

A depender da possibilidade financeira da escola (pode ser preto e branco ou colorido, mas sugiro ao menos algumas imagens mais marcantes em colorido afim de obter maior impacto) sugiro permitir que os/as alunos/as que por ventura se interessem por alguma página em específico possam leva-la para casa (evidentemente após período mínimo de exibição para assegurar que os demais alunos/as também tenham acesso aquele conteúdo). Nunca são todos que o fazem, mas se um estudante chega ao ponto de pedir determinada folha, acredito que a identificação tenha sido muito intensa e frente a escassez com que se deparam com materiais do gênero no ambiente escolar, acho que seria de grande valia que o/a aluno/a pudesse tomá-lo para si.

É importante que o educador estimule que os/as alunos/as observem o varal, pois como ocorrem diversas atividades ao longo do projeto, as vezes eles podem não ter tempo ou destinar a devida atenção ao varal. O momento do intervalo para o lanche por exemplo pode ser uma oportunidade para que eles transitem pela escola observando os diferentes conteúdos dispostos no varal.

7) Sarau Afro

O educador pode organizar um sarau (performance, declamação de poesias) tendo a cultura afro como tema central. O ideal do sarau é que ocorram intervenções, de maneira que o educador declamaria alguns poemas, mas os próprios alunos também o fariam, inclusive com composições próprias. Mas em geral, principalmente nas primeiras experiências, a maioria dos alunos tente a certa timidez frente a possibilidade de declamar um poema para a turma ou a escola, mas de qualquer maneira, o importante é que o educador proporcione um momento em que os alunos possam desfrutar de composições de autoria negra e/ou que abordem o racismo, a cultura, religião afro, realidade da periferia e etc, sempre intercalando com rodas de conversa que promovam uma reflexão crítica do conteúdo ali apresentado.

Deve-se levar em conta, para a escolha dos poemas, a idade e nível escolar dos/das alunos/as em questão afim de evitar vocábulos de difícil compreensão. Além de poemas, podem ser declamadas músicas no intuito de promover uma maior reflexão sobre o conteúdo das letra. Além das músicas de RAP que deixarei como sugestão no capítulo “Projeto Griot na Colônia do Paiol”, sugiro também dar uma atenção especial a literatura periférica (como por exemplo “Magia negra” do sempre incrível Sérgio Vaz); o cordel “Quem tem crespo é rainha” de Jarid Arraes, o poema “Sou negro” de Solano Trindade, a música “Negro é lindo” Jorge Benjor, “Identidade” de Jorge Aragão e o Funk “Encostei no baile Funk” de MC Garden.

Como é possível perceber, as músicas sugeridas perpassam variados estilos musicais, pois a proposta é mostrar algo novo, mas partir de um interesse prévio dos/das alunos/as. Na prática isso significa que em uma turma que nunca participou de um sarau e que tem preferência por Funk, o educador pode iniciar o sarau declamando letras críticas deste segmento musical antes de passar aos demais, na tentativa de estimular o interesse dos estudantes.

8) Questões anônimas

No intuito de estabelecer um eixo temático, um tema de maior interesse dos/as alunos/as pelo qual o/a educador/a iniciará as rodas de conversa do Projeto Griot, sugiro uma

prática com base em uma experiência pessoal que gerou denso trabalho, mas também grande sucesso. Como disse anteriormente, leciono Sociologia e ao desenvolver o conceito de “tabus sociais” tive a ideia de entregar um papel em branco para que os/as alunos perguntassem literalmente o que quisessem em três categorias: sociedade e dois assuntos tabus: drogas e sexo. Para garantir que fosse anônimo eles mesmos colocavam as respostas em um envelope que foi passado em todas as salas.

A título de exemplo, obtive mais de noventa questões por categoria (portanto mais de 180 no total) a cada cinco turmas de cerca de trinta, quarenta alunos cada. É inimaginável o que eles se sentem a vontade para perguntar uma vez seguros de que seu anonimato será mantido. Não é o tema para este artigo – talvez em uma oportunidade futura – mas para evidenciar a proporção dos resultados que podem ser obtidos com esta experiência, para citar apenas o mais impactante deles, posso dizer que a partir dela e das rodas de conversa que se sucederam, acabei por descobrir dois casos de abuso sexual que alunas menores de idade sofriam de seus respectivos padrastos.

Apesar de já ter enfrentado casos semelhantes que outras alunas me confidenciaram (denunciando amigos, funcionários das escolas e inclusive os próprios professores), este pela gravidade das circunstâncias, foi de longe a experiência mais traumática que tive no exercício da docência; mas fico feliz em dizer que com muita luta ambos casos foram resolvidos. Eu já havia abordado esta temática antes, mas parece que as questões anônimas de alguma maneira geraram uma segurança ainda maior por parte dos/as estudantes em relação a mim, que ao ver todas as questões serem gradativamente respondidas em sala, se sentiram a vontade de expor o problema em um dado momento. Intencionei evidenciar através deste exemplo, como a prática de se propor que os/as alunos/as possam fazer anonimamente quaisquer questões que tenham interesse, pode trazer a tona muito mais do que o/a próprio/a educador/a poderia imaginar, de modo que este/a passa a dispor de uma infinidade de conteúdos a serem trabalhados em sala. Retornando para o tema que tange este artigo, obtive em relação a temática afro, desde questões pueris como “é verdade que o pênis do negro é maior?”, a questões como “o que é o mito da democracia racial?”, “por que existe racismo” e “é normal sentir vergonha de ter nariz de coxinha?”.

O/A educador/a que se dispor a pedir que os/as alunos/as façam questões anônimas relativas a questão afro, deve obrigatoriamente responder todas elas, pois a expectativa que eles criam é imensa. No mais, garanto por experiência própria que o/a educador/a terá em mãos um conjunto inestimável de questões a serem abordadas e que trazem a vantagem de ser justamente aquilo que mais interessa, preocupa e inquieta os alunos em questão. Cada turma,

cada escola possui uma identidade e cabe ao educador conhecer e respeitá-la, podendo assim estabelecer os temas pelos quais deve começar a abordagem da questão étnica/racial.

9) Graffiti interativo

Além de ser um dos elementos do Hip Hop que é um movimento de origem negra, o Graffiti pode ser utilizado no Projeto Griot, também como uma forma dinâmica de apreensão de conteúdo. Esta proposta pode ser adaptada se necessário para um mural com fotos impressas, mas sem contar o efeito produzido nos/as alunos/as ao reinventarem e modificarem a própria aparência da escola, o Graffiti é perene e estaria sempre exposto na escola, tanto decorando-a quanto chamando o público a reflexão. O/A educador/a levaria prontos diversos Stencils (ou caso não seja, poderá convidar um/a grafiteiro/a para fazer uma caricatura, persona ou realismo das personalidades em questão) de personalidades históricas, líderes e artistas negros, bem como símbolos como o punho dos Panteras Negras, por exemplo. Stencil é uma técnica de Graffiti que utiliza moldes previamente cortados (com o auxílio de tesouras, estiletes ou até mesmo bisturis, dependendo do material e do nível de dificuldade dos detalhes do molde) em acetato, plástico vulcanizado, papel cartão ou qualquer material mais rígido que possa ser recortado. Tais Stencils podem ser inclusive confeccionados em um momento anterior pelos próprios alunos durante uma oficina de Stencil com temática afro.

No dia do projeto, o/a educador solicitaria que um/a aluno/a aplicasse o Stencil de um deles na parede. Em seguida perguntaria o nome, nacionalidade e principal feito daquele ícone, fazendo uma breve explanação quando este por ventura fosse desconhecido dos/das alunos/as. Por exemplo, ao fazer o rosto de Nelson Mandela na parede, os alunos provavelmente reconheceriam-no e iriam expor algumas informações a seu respeito. Se acertassem o/a educador/a pediria que colocassem um número e abaixo comessem uma lista com a respectiva legenda do nome da personalidade em questão. Se errassem, dedicaria um tempo maior a contar a história do ícone que os alunos desconhecêssem.

Por exemplo, muitos conhecem Martin Luther King, mas pouquíssimos conhecem a história de Rosa Parks, costureira negra norte americana que na época da segregação se recusou a mudar de lugar no ônibus para que um branco ocupasse-o, sendo detida e presa, estimulando assim que King organizasse um longo boicote em massa aos ônibus, que acabou por extinguir essa prática racista recorrente nos transportes públicos da época, constituindo um marco na luta antissegregacionista. Assim, ao fazer o Stencil de Rosa Parks na parede, o/a educador/a contaria sua história, para só então pedir que um/a aluno/a escrevesse seu nome na legenda antes de passar para o próximo Stencil.

Ao fim desta atividade os/as alunos/as teriam apreendido e/ou consolidado diversas informações sobre ícones negros que a hegemonia branca luta para manter velados. Além disso, teriam imortalizado na escola, os rostos de muitos das grandes mulheres e homens negros que tanto lutaram pela igualdade racial. Caso os alunos já tenham um aprofundado conhecimento prévio sobre todos os ícones, o educador poderia dividir em equipes e fazer perguntas sobre cada um deles a medida em que fossem construindo o painel, para ver qual equipe ou sala está mais bem informada sobre a história dos ícones negros ali representados.

10) Avaliação diagnóstica

Por fim, após realizadas as atividades do projeto, sugiro uma avaliação diagnóstica, que pode ser anônima, por escrito ou oral, realizada pelos/as alunos/as em que estes narrem suas percepções sobre o projeto e realizem elogios e/ou críticas para que assim o educador possa aprimorar o que se fizer necessário. Dependendo da relação construída entre o educador e os discentes, pode ser de maneira mais informal, tendo em vista que o convívio pode gerar uma aproximação que facilite o diálogo honesto entre ambas as partes. Entretanto, tendo em vista que a metodologia retrógrada de ensino tende a estimular que os alunos alcancem notas e que os mesmos temam criticar o/a educador/a por medo de represálias, a alternativa de entregar uma ficha anônima que seria depositada pelo próprio aluno em uma caixa de maneira que ele ficasse seguro sobre seu anonimato, é mais indicada para que se obtenha uma análise franca e observações pertinentes por parte dos discentes.

A COMUNIDADE “COLÔNIA DO PAIOL”

A Colônia do Paiol é uma comunidade remanescente quilombola, situada na Zona Rural do município de Bias Fortes, que consta atualmente com cerca de seiscentos habitantes e cujas origens estão ligadas a uma doação de terras que o fazendeiro José Ribeiro Nunes fez a nove de seus ex-escravos por volta de 1890. A este respeito, segue um trecho da tese do Padre Djalma, em que relata como ele próprio encontrou o documento que comprova a doação de tais terras:

A comunidade não sabia da existência desse documento. O conhecimento da doação da terra e o mito da fundação só eram transmitidos oralmente. Não havia nenhum documento escrito que pudesse provar a veracidade de tal doação. Essa difícil situação levava os habitantes desta comunidade a sentirem insegurança e mesmo a serem acusados de invasores, enquanto na realidade eram proprietários legítimos. A descoberta deste documento feita por mim, com muito sacrifício e investimento, devolve a essa comunidade o reconhecimento de ser possuidora de tal patrimônio e serve também para provar, perante os poderes públicos, que eles são realmente proprietários de tal área e que a comunidade foi fundada por nove ex-escravos de José Ribeiro Nunes, cujos nomes estão registrados em cartório. São eles: Tobias, Gabriel, Adão, Justino, Quirino, Maria Creola, Camila Parda, Sebastião e Justiniano. Os habitantes da Colônia do Paiol são herdeiros legítimos desses ex-escravos (DJALMA, 2005, p.231).

Em sua tese, Djalma segue demonstrando como este documento foi de fundamental importância para que a comunidade pudesse ser reconhecida como quilombola, bem como o testamento de José R. Nunes de 1890 detalha especificamente que os limites das terras e como as mesmas não podem ser vendidas ou doadas. Apesar disso, como o passar dos anos grande parte do terreno original foi sendo expropriado, seja através de ameaças ou pseudo-trocas/vendas impostas pelo homem branco, pois segundo relatos de alguns moradores da comunidade sobre histórias que os antepassados lhes contavam, consta que na época o homem branco chegava com apenas um burro/jumento a casa de um desses ex-escravos, que já residia no espaço que era seu por direito, e dizia que iria compra-la com o burro. Caso se negassem, o ex-escravo já sabia que no dia seguinte não ele, mas sua família estaria morta, não lhe restando portanto outra escolha. Como resultado desta violência torpe, estima-se que a comunidade ocupe atualmente um território que corresponda a apenas cinco por cento do original. Atualmente a comunidade possui uma Associação Quilombola a AQUIPAOL, que luta mais diretamente por melhor qualidade de vida, efetivação dos direitos da comunidade, permanência das práticas culturais praticadas lá – Congado e Maculelê – e etc.

Meu contato com a comunidade se deu em razão de ter cursado em 2016, além da pós-graduação a que se refere este TCC, também dois módulos de uma capacitação voltada para professores/as, também pela UFJF, intitulada “Curso de saberes: Diálogos entre escolas e saberes tradicionais – Comunidades Quilombola, Indígena e Camponesa”. Nas aulas sobre comunidades quilombolas ministradas pelo professor Leonardo Carneiro, conheci o Guilherme Goretti e tomei conhecimento do trabalho que eles realizavam desde 2013 na Colônia do Paiol, intitulado “Projeto Ecomuseu de Comunidades Negras da Zona da Mata Mineira: Entre saberes, sabores e fazeres”. Desse modo, através do Curso de Saberes, tive o privilégio de conhecer empiricamente a comunidade em questão ainda no dia 11 de Junho de 2016 em visita guiada com a turma do curso. Na oportunidade houve apresentações de Maculelê, Congado e uma primeira experiência de uma “Feira” em que foram vendidos alimentos produzidos pela comunidade, como diferentes tipos de limão, cana, mandioca, doce de abóbora e etc.

Foi então que conheci a “Zezé” – apelido de Maria José Franco Santana, professora da escola e integrante da AQUIPAOL – uma mulher incrível que se tornou para mim fonte de eterna admiração e inspiração. Pude pesquisar mais a história da comunidade, perceber sua vivência e entre nossas conversas fui convidada inicialmente a retornar para grafitar a escola da comunidade, pois lido com Stencil, Grafitti, desenho e poesia há mais de dez anos. Porém, ao mencionar que era professora, pós graduanda e que tinha o presente projeto em mente para as escolas em que leciono, Zezé prontamente se animou com a possibilidade de realizá-lo na comunidade; pois segundo ela eventos como este são de extrema importância para os jovens da comunidade, que carecem de atividades extra-curriculares capazes de prender-lhes a atenção e construir debates políticos, étnicos e sociais de maneira dinâmica e inclusiva. A própria iniciativa de grafitar o espaço escolar vem da consciência de que ressignificando aquele espaço, aumentaria-se a aproximação e identificação dos estudantes com os mesmos.

Desde modo o projeto que vinha idealizando a muito tempo começou a ganhar corpo e após uma longa articulação e estruturação do mesmo nos meses seguintes, finalmente combinamos a data mais simbólica possível pra sua realização: O dia da consciência negra. A escolha foi da própria Zezé, que conseguiu articular esta data junto a prefeitura. Dia 20 de Novembro, em um Domingo, sai por volta das 08:00 da manhã, em um ônibus disponibilizado pela prefeitura de Bias Fortes, com a equipe de artistas, educadores, poetas, MC's, capoeiristas e dançarinos que gentilmente aceitaram meu convite e se voluntariaram a esta experiência.

Não tenho palavras para agradecer a disposição e dedicação de todas estas pessoas incríveis que disponibilizaram parte de seu tempo para se doar neste dia único; são eles: “Poeta Verraz”, nome artístico de Giovanni Duarte Verazzani (professor e poeta), “Marte MC” nome artístico de Marcelo Martins Fernandes (rapper), “MC Wandin”, nome artístico de Wander de Paula Silva (rapper e cantor de Black Music), “Zebu” nome artístico de Heriton Vinicius Costa (B-boy, dançarino de Hip Hop Dance dentre outros estilos), “MC Gama” nome artístico de João Victor Gama (rapper) acompanhado de sua namorada Bárbara Emyle Camargo, e seis integrantes do grupo de Capoeira “Sementes de Angola”: André Vianna da Cunha Pereira, Gabriel Zorzi de Souza, Isadora Cristina Murad Silva, Lara Meneguelli Ferreira, Thiago Silva Andreazza e Bruno de Pádua Oliveira Pereira e Kelly Matosinhos Tavares acompanhados de seu filhinho Lucca que com um aninho já ajudou abrilhantar ainda mais este dia. No capítulo a seguir, será apresentado o detalhamento do desenvolvimento do projeto na comunidade.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO NA COLÔNIA DO PAIOL

Conforme mostrado anteriormente, o projeto deve se adaptar a realidade de cada contexto e tendo em vista que foi realizado no dia da Consciência Negra em uma comunidade remanescente quilombola, algumas adaptações foram feitas no sentido de melhor adequá-lo ao momento em questão. Ao invés de utilizar vídeos, como o tempo era exíguo e o espaço limitado, optei por não utilizar este recurso desta vez. Apesar de haver microfones disponíveis, em diversos momentos eu e o restante da equipe optamos por não utilizá-los, acreditando que assim criaríamos um momento mais intimista, uma aproximação maior com o público. Ao invés de falar em termos técnicos lançando mão de conceitos acadêmicos como “racismo institucional”, “apropriação cultural”, “interseccionalidade”, “mito da democracia racial”, “genocídio negro” e etc, optei por uma linguagem mais informal que vise a apreensão do conteúdo e reflexão crítica sobre ele em detrimento de apenas impor que os alunos decorem tais termos. Apesar de citados em diversos momentos, as rodas de conversa foram realizadas no intuito de passar as informações de maneira acessível, dinâmica, coesa e contextualizada, inclusive pois haviam pessoas de diversas faixas etárias presentes no momento, desde crianças a idosos, mas em sua grande maioria adolescentes.

Como a proposta do projeto perpassa a noção de horizontalidade, pois sou avessa a noção de hierarquia tradicionalmente estabelecida no processo ensino aprendizagem, bem como não me vejo como diretora/organizadora e sim apenas como idealizadora e articuladora do projeto, fiz questão de construir também o próprio cronograma coletivamente, de modo que quando me reuni com a equipe no ônibus a caminho da comunidade aproveitei para estabelecer, com a contribuição de todos, a ordem que se desenvolveriam as atividades, levando em conta a didática – o que captaria melhor a atenção inicial da comunidade – a logística – evitar que atividades que exigem maior esforço físico como a capoeira e o Hip Hop Dance ficassem após o almoço, por exemplo – e outros aspectos que se fizeram pertinentes. Ainda levando em conta eventuais atrasos e imprevistos pedi uma estimativa de cada artista sobre o tempo necessário para a realização de cada atividade, sendo assim após as observações em grupo ficou estabelecido o seguinte cronograma:

1º) Apresentação – A autora

2º) Roda de conversa: Identidade negra, Consciência Negra, Interseccionalidade, Racismo, Cultura afro e Funk – A autora

- 3º) Declamação a capella da música “Mulheres negras” (Composição Eduardo ex-integrante do grupo de RAP Facção Central) – A autora
- 4º) Oficina de Hip Hop Dance e Passinho – B-boy Zebu
- 5º) Roda de Conversa: Genocídio negro – MC Gama
- 6º) Pocket show e free style – MC Gama
- 7º) Sarau poético – Poeta Verazz
- Intervalo para o almoço
- 8º) Pocket show e free style – MC Wandin
- 9º) Pocket show e free style – MC Marcellin
- 10º) Oficina de Stencil – A autora
- 11º) Oficina de customização de camisetas – A autora
- 12º) Capoeira – Equipe Sementes de Angola

Como dito anteriormente, o projeto que consistiu em um dia inteiro de atividades lúdicas (iniciando-se por volta das 10:30, até cerca de 19:00) para todas as idades, voltadas para o protagonismo negro e empoderamento juvenil visando problematizar a questão da consciência negra, ocorreu nas dependências da Escola Municipal Joaquim Ribeiro de Paula, porem fora da sala de aula. Romper com o modelo tradicional de ensino, hierarquizado, em que as/os alunos/as são forçados a permanecerem sentados em uma sala, é um ato essencialmente empoderador, pois devolve o protagonismo a/ao aluna/o que participa mais livre e ativamente de um processo que deveria ser efetivamente libertário.

Desse modo, como poderão ver nas fotos em anexo ao final deste artigo, o projeto se desenvolveu na área da cantina da escola, alternando momentos em que todos estavam de pé para dançar, sentados em colchonetes para acompanhar o sarau ou até mesmo sentados pelo chão, mesas e escadas ao pintarem Stencils de ícones negros em suas camisas. As/Os alunas/os ocuparam os espaços que bem queriam a medida que foram se sentindo a vontade e tal prática mostrou-se fundamental para favorecer a aproximação e entrosamento dos alunos com a equipe.

Como já estava ciente de que havia bastante timidez entre os jovens da comunidade, bem como já havia sido advertida pela Zezé de que a participação dos rapazes é inferior a das moças nestes eventos, resolvi começar por este aspecto. Quando chegamos a escola ainda estava vazia, pois a comunidade esperava pela nossa chegada para então começarem a se encaminhar, de modo que enquanto desfrutávamos de um café delicioso preparado gentilmente pelas mulheres da própria comunidade que se organizaram para nos receber com

tamanho carinho, dividi a equipe de modo que enquanto uns faziam a organização do espaço, montagem dos equipamentos de som e etc, outros foram pessoalmente chamar os rapazes da comunidade, nas casas, nos bares, no campo de futebol, avisando que já havíamos chegado e que dentre a programação do dia haveria também espaço para a música Funk.

Zeze havia me pedido pessoalmente que falasse sobre o Funk, pois este estava segundo ela “se tornando um problema” entre os meninos, pois as mensagens de ódio, pornografia e ostentação acabava por influenciar negativamente o comportamento deles. Desse modo, quando reunimos a comunidade e me deparei surpresa com a quantidade de jovens e adultos do sexo masculino que ali estavam, comecei a abertura do projeto com uma fala inicial que dentre outros aspectos problematizava a questão do Funk, bem como a questão do machismo. Muito longe de demonizar o Funk como o faz a grande mídia hegemônica, procurei demonstrar em minha fala diferentes perspectivas sobre o Funk e promover uma reflexão crítica a este respeito, ainda que de maneira breve, pois já estava definido que Zebu faria uma reflexão neste sentido antes de iniciar sua oficina de Hip Hop Dance e Passinho.

Como sei que sou socialmente reconhecida como branca, iniciei minha fala pedindo licença pra falar por estar numa posição em que o protagonismo não é meu, usufruindo de um espaço de verbalização onde o que me cabe é dar visibilidade a questão negra, pois a luta pelo combate ao racismo deve necessariamente perpassar pelo reconhecimento dos privilégios que infelizmente ainda hoje brancos dispõem. Não por acaso tentei reunir o maior número de artistas negros, dando prioridade e maior protagonismo a eles, pois a o aspecto subliminar da representatividade é de extrema importância para o reconhecimento e identificação dos jovens.

Ainda nesta roda de conversa inicial, problematizei a importância da data, falei sobre as varias facetas da noção de “resistência”, sempre tentando articular com o ainda breve conhecimento que tenho sobre a comunidade (como por exemplo os diversos relatos que obtive sobre o forte racismo enfrentado por eles na cidade de Bias Fortes, que apesar de bem atenuado nos dias atuais ainda está presente, especialmente entre os jovens pois como a escola da comunidade é de nível fundamental estes são obrigados a fazer o Ensino Médio na escola da cidade, onde alguns alunos da comunidade já foram agredidos até mesmo fisicamente), da identidade do povo negro e como sou feminista interseccional falei também das particularidades da mulher negra, finalizando este primeiro momento com a declamação a capella (sem som, batida, ou qualquer tipo de acompanhamento musical) da música “Mulheres negras” interpretada pela Yzalú e de autoria do Eduardo (Ex integrante do grupo de RAP “Facção Central”).

Tendo em vista que o projeto se intitula “Griot”, não poderia deixar de haver um momento em que a memória se manifestasse exclusivamente por meio da oralidade, de maneira que apesar de ser de longe uma das letras mais difíceis que já me dispus a decorar (não li a letra, declameia-a de fato), optei por essa música de RAP por acreditar que representa de modo brilhante a noção de interseccionalidade, ao evidenciar de maneira explícita muitas das particularidades e múltiplas marginalizações e discriminações a que a mulher negra está submetida no cotidiano, o que pode ser observado por exemplo no trecho a seguir

*Não fomos vencidas pela anulação social,
sobrevivemos à ausência na novela, no comercial;
o sistema pode até me transformar em empregada,
mas não pode me fazer raciocinar como criada.
Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo,
as negras duelam pra vencer o machismo, o preconceito, o racismo;
lutam pra reverter o processo de aniquilação
que encarcera afrodescendentes em cubículos na prisão.
Não, não existe Lei Maria da Penha que nos proteja
da violência de nos submeter aos cargos de limpeza;
de ler nos banheiros das faculdades hitleristas: “Fora macacos cotistas!”.
Pelo processo branqueador não sou a beleza padrão,
mas na lei dos justos sou a personificação da determinação;
navios negreiros e apelidos dados pelo escravizador
falharam na missão de me dar complexo de inferior.
Não sou a subalterna que o senhorio crê que construiu,
meu lugar não é nos calvários do Brasil.
E se um dia eu tiver que me alistar no tráfico do morro,
É porque a lei áurea não passa de um texto morto!¹*

O RAP, um dos quatro elementos (ou cinco, se levar-se em conta, como mais recentemente tem-se feito, o “conhecimento” como um quinto elemento) do Movimento Hip Hop trata-se de um lócus privilegiado para abordar a questão do racismo, pois como

¹ Trecho transcrito pela autora da música Mulheres Negras, composta por Eduardo ex- Facção Central. Uma versão impactante em que a própria cantora Yzalú se emociona ao interpretar esta música se encontra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=122kwdWN-v0>. Acesso em 25/11/16.

demonstrado anteriormente, é um movimento de origem negra cujas raízes estão ligadas a resistência e empoderamento do povo negro, além de utilizar de linguagem direta e poética para transmissão de suas mensagens.

Outras sugestões de músicas de RAP que utilizo em sarais de temática afro, como o que realizei na edição deste projeto na escola em que leciono, que abordam de maneira crítica a questão do racismo são, dentre outras: *Falsa abolição* da dupla Tarja Preta, *Menina Pretinha* da jovem MC Soffia, *Eu só peço a Deus* do Inquerito, *Lavagem Cerebral* de Gabriel O Pensador, *Boa Esperança* de Emicida, *Negro Drama* dos Racionais MC's, *Sucrilhos* do Criolo e etc. Todas as músicas dão margem para diversas problematizações que podem ser estabelecidas pelo/a educador/a que esteja a procura de um ponto de partida para debater o racismo em sala de aula, com a vantagem de ser em uma linguagem acessível e geralmente estar entre a preferência de estilo musical de muitos discentes.

Como não consegui, frente ao tempo exíguo, a presença de uma Mãe ou Pai de santo, ou ao menos de uma filha/o de santo negra/o que se dispusesse a participar do projeto e abordar a questão das religiões afro-brasileiras, me deparei com o desafio de ser uma mulher reconhecida como branca falando sobre religiões de matriz africana para descendentes diretos de escravos em uma comunidade remanescente quilombola. Falar aquelas pessoas que eu estava prestes a me especializar no assunto ao meu ver de nada importa, até porquê mil pós-graduações não seriam capazes de me preparar para aquele momento. Pessoalmente acredito que rótulos e diplomas não querem dizer nada e se não associados a um engajamento político e uma prática condizente, qualquer discurso se torna apenas palavras mortas na boca de um “intelectual”.

Na minha perspectiva de educadora, a vivência é de fundamental importância, de maneira que fiquei receosa de minha fala perder um pouco do sentido para o público por eu não ser praticante de alguma religiosidade afrobrasileira. Gostaria muito que alguém com mais propriedade que eu o fizesse em um lugar, dia e para pessoas tão especiais como aquelas, mas enquanto sonho com um segundo momento em que retorne com outra edição do projeto a comunidade, discorri brevemente sobre as religiões afro e abordei principalmente a questão da intolerância religiosa: na comunidade só há uma igreja, não existem terreiros, pois segundo relatos, alguns dos próprios membros detêm um certo preconceito contra “macumbeiros” e portanto se mantem avessos a criação de um terreiro de Candomblé ou Umbanda na comunidade.

Como a programação para o dia era bem extensa e este era um primeiro contato mais aprofundado da comunidade com o tema, foquei mais na questão da intolerância em torno

dessa religiosidade e procurei desconstruir alguns estigmas e estereótipos associados a elas. Em um momento futuro, desejo retornar com mães de santo para promover sucessivas rodas de conversa sobre o tema, para que com o passar do tempo a visão negativa imposta pela hegemonia branca ao longo dos anos seja desconstruída e dê lugar a valorização, respeito, contemplação e admiração em relação as religiosidades afro-brasileiras.

Seriam eles obrigados a terem terreiros de Candomblé e Umbanda em sua comunidade por serem negros remanescentes quilombolas? Absolutamente não. Mas como vivemos em um Estado que só é laico no plano teórico, a partir do momento que eles tem arraigada uma única visão preconceituosa sobre as religiões afro-brasileiras, esta possibilidade lhes é negada. Ser livre para escolher a própria religião em mundo que lhe diz que as de origem negra são nefastas, não é de fato, liberdade. Se depois de conhecerem a fundo o que realmente são as religiões afro-brasileiras, ainda assim quiserem permanecer só com a igreja, então será uma escolha; mas enquanto existir uma dominação ideológica racista, vejo como privação. A respeito da importância de se abordar práticas religiosas não cristãs, Munanga&Gomes nos elucidam que

Independentemente da crença religiosa, é importante que tenhamos mais informações sobre as práticas religiosas não-cristãs e que possamos compreendê-las e não simplesmente julgá-las a partir daquilo que consideramos a nossa verdade. Muitas vezes, as pessoas repetem um discurso negativo sobre essas religiões, baseando-se em preconceitos, na opinião alheia ou numa experiência negativa que tiveram, generalizando-o. É preciso tomar cuidado com julgamentos, principalmente quando falamos em religiões afro-brasileiras. Tais julgamentos podem facilmente deslizar para o campo do preconceito da discriminação racial e do racismo (MUNANGA&GOMES, 2004, p.143).

Em seguida para prender a atenção dos jovens, passei a palavra ao B-boy Zebu, que contou a historia de resistência e união envolta do Movimento Hip Hop, problematizou a questão do Funk e fez todo mundo dançar ao ensinar os movimentos do estilo Hip Hop Dance. Surpresa maior para a comunidade porem, foi quando solicitei a um dos jovens que gostavam de Funk que emprestasse o aparelho de música para que puséssemos uma música deste estilo para que ele ensinasse o estilo “Passinho”. A primeira tentativa só serviu para problematizar e enriquecer mais o debate, pois no MP3 do garoto só havia musicas no estilo Funk Proibidão (músicas que abordam o sexo de maneira explícita, utilizando-se de metáforas, palavrões e geralmente inferiorizando e objetificando a mulher).

Conseguimos então uma garota que tinha literalmente uma música de Funk que não era deste estilo (vale lembrar que como qualquer gênero musical o Funk também possui inúmeras ramificações distintas, cuja sonoridade e conteúdo variam intensamente como Funk de Facção, Funk Automotivo, Funk Gospel, Funk Raiz, Funk Ostentação, Funk Consciente,

Funk Charme e etc) e ao toca-la aos poucos os jovens foram cedendo aos convites do Zebu, que muito didaticamente convidava-os a se soltar, participar e aprender os passos.

Ao meu ver foi sucesso absoluto, pois tendo em vista que até mesmo alguns jovens que estavam apenas observando de longe, quase de fora da escola, a movimentação que se sucedia ali, foram se aproximando progressivamente no momento do Funk. Muitos começaram a dançar e demonstrar seus próprios conhecimentos, desde meninas mostrando alguns passinhos a homens adultos que fizeram até mesmo um mortal na hora da dança. Foi uma participação surpreendente e em uma breve sondagem posterior muitos declaram ter gostado muito. Se antes pelo que a Zezé havia dito eu já havia imaginado o Funk como um caminho para a aproximação, depois daquele momento tive certeza.

Como disse no início deste artigo, minha didática é profundamente influenciada pelos ensinamentos de Paulo Freire e não vejo outro caminho para um ensino que tenha sentido, se não o que perpassa a subjetividade e parta de um interesse real dos discentes. Para um próximo momento já estou articulando a participação de grupos e/ou MC's de Funk para dar sequência as reflexões iniciadas neste dia 20. Outro momento destaque desta etapa do projeto foi quando o Marte MC, frente a ausência de outras músicas de Funk que pudessem ser tocadas na ocasião, improvisou um Beat Box (sons feitos com a boca que servem como batida, base para as rimas faladas) e a própria Zezé cantou algumas cantigas populares e de Congado para animar a comunidade.

Na continuidade após a oficina do Zebu, chamei o MC Gama para fazer uma roda de conversa sobre genocídio negro, seguida de uma apresentação musical e free style (quando o MC faz rimas improvisadas ao vivo). O MC Gama havia lançado no dia anterior uma música intitulada *Com Ciência Negra* que com rimas ácidas e assertivas aborva justamente a questão do racismo nos dias atuais, como é possível observar no trecho a seguir:

*Na minha quebrada vários manos a anos quebrando a
cara, vendo a derrota na nota pra cota que não equipara.
Enfoque nos play, pause, desfalque da escola pública,
glock na cintura com o vinho e uma túnica! Pra se
purificar naquela de pedir pra um dia poder ver a favela
se unificar! Vários funeral, saúde mental, estado terminal,
afinal a dor da gente não sai no jornal.²*

² Música disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=72-KxHjP8Uw>. Acesso em 21/11/2016.

Enquanto o MC Gama falava, pude tirar um tempo para fotografar e fazer algumas observações, dentre as quais destacou-se a atenção dedicada inclusive pelos mais jovens as apresentações do projeto. Sob um olhar antropológico, acredito que ainda que o motivo original fosse a curiosidade sobre o tal projeto que iria ocorrer na escola, muitos estavam de fato fortemente ligados aquele momento.

Ao contrário de quando momentos como esses acontecem nas escolas regulares de Ensino Médio em que leciono, em que os docentes travam árduas batalhas contra celulares pela atenção dos alunos que insistem em mexer em seus aparelhos mesmo quando estão em uma palestra ou algo do gênero (apesar da legislação proibir o uso de celulares nas escolas esta é uma prática recorrente dos/das alunos/as) ali na comunidade notei uma atenção maior por parte do público, o que ao contrário do que se possa imaginar não se deu pela ausência de celulares, pois muitos os possuíam e inclusive utilizaram para registrar fotos e vídeos do projeto.

Olhares atentos e reflexivos se voltavam para cada palavra dita ali, desde o momento em que dei o primeiro “bom dia”. Éramos novidade ali de fato, mas manter aquela quantidade de jovens e adultos desde cerca de 10:30 atentos e participativos até por volta de 19:00, foi um feito louvável. Além da destacada capacidade de todos os artistas envolvidos que se desdobraram para tornar a experiência o mais atraente possível, o ambiente informal e o linguajar acessível; acredito que a diversidade da programação também foi um atrativo a parte. Ao invés de tirar um dia só para contação de histórias, ou palestras, a própria dinâmica do projeto de abordar diversas manifestações artísticas em um curto espaço de tempo também aparenta ter contribuído pra manter o interesse ativo.

Em seguida o poeta e também professor da Rede pública, Giovani Duarte Verazzani, ou Poeta Verazz como é conhecido deu início ao sarau poético. Extremamente didático lançou mão de diversas produções da poesia marginal, recitando de maneira brilhante escritos de ícones deste segmento como Ferréz, Rodrigo Ciríaco e Sérgio Vaz. Deste último, um que é possível relacionar ao Funk e chamou bastante atenção da comunidade, intitula-se *A Vida é Loka* (VAZ, 2015) e ressignifica o sentido original do termo (ligado a criminalidade, estilo de vida perigoso) em prol de uma noção que supervaloriza a escrita, poesia e conhecimento, como podemos ver a seguir

Esses dias tinha um moleque na quebrada com uma arma de quase 400 páginas na mão. Uma minas cheirando prosa, uns acendendo poesia. Um cara sem Nike no pé indo para o trampo com o zóio vermelho de tanto ler no ônibus. Uns tiozinho e umas tiazinha no sarau enchendo a cara de poemas. Depois saíram vomitando versos na

calçada. O tráfico de informação não para, uns estão saindo algemado aos diplomas depois de experimentarem umas pílulas de sabedoria. As famílias, coniventes, estão em êxtase. Esses vidas mansas estão esvaziando as cadeias e desempregando os Datanas. A Vida não é mesmo loka?

Durante o sarau, como é de costume neste tipo de apresentação, ocorreram intervenções poéticas em que Marte MC declamou escritos de sua própria autoria e eu declamei uma poesia de uma ex-aluna que também abordava a questão do racismo. Após o sarau, já por volta de 13:00 demos um intervalo para que todos pudessem almoçar. Mais uma vez fomos agraciados com um almoço delicioso especialmente feito para nós pelas mulheres da comunidade. Alguns foram almoçar em suas casas mais muitos da comunidade compartilharam a refeição conosco ali mesmo na cantina da escola. Após o almoço, enquanto ajudava a lavar os pratos, aproveitei para conversar mais com as senhoras que fizeram o almoço e fiquei feliz de ouvir que estavam gostando muito do projeto, algumas até perguntaram quando iríamos voltar. Antes de eu avisar que faríamos o intervalo para o almoço, pedi que as pessoas da comunidade que observassem mais atentamente o varal poético que estava afixado em todo o ambiente da cantina, com fotos e frases de ícones negros que muito contribuiriam para o combate ao racismo.

Após o almoço, foi a vez do pocket show do MC Wandin. Além de fazer o free style que como sempre chamou grande atenção do público, o MC apresentou músicas autorais, dentre as quais se destaca a música intitulada *Tabuleiro* que aborda de maneira explícita a questão do racismo e cuja letra, gentilmente enviada pelo autor, pode ser conferida na íntegra a seguir

“Começou o jogo. Abro os olhos pra mais um dia, o sol me espera lá fora, pego minhas coisas e vou embora. Tenho a sensação de que tudo caminha nessa estrada aonde nada se ganha, tudo se cria... Vejo luxo nas mãos dos otários, quero ter também, mais vai ser com o suor do meu trabalho. Será que faço a coisa certa? Não quero nem saber pois estou comprometido com as minhas metas e quero descobrir o meu valor, ter ideia da minha capacidade, sempre acredito que sou um vencedor e não costumo fazer nada pela metade. Meu tom de pele não me faz menor, ao contrário isso só me motiva, hoje descobri o meu valor hã... é mais

alto do que você acredita! Medo é uma ilusão na vida, surge como uma rede, isso é, como um jogo; mas eu não preciso usar macete. Cada erro é uma oportunidade de sucesso, mais uma chance de voltar. Se no futuro ou no final não der certo pelo menos poderei dizer que não tive medo de tentar.

Refrão: Sei que não vou deixar o medo me parar.

Sei que o tempo vai passar, poucos vão ficar.”

Na sequência Marte MC se apresentou e do mesmo modo que eu, também iniciou sua fala problematizando o fato de ser um homem branco abordando a questão do racismo, neste caso sob a perspectiva de ser um MC branco em um movimento de origem negra. Muito carismático e denotando grande sabedoria em sua na fala, estabeleceu um diálogo muito rico sobre privilégios, resistência, igualdade, respeito e perspectiva de vida. Além do free style, apresentou algumas de suas músicas e encerrou com uma excelente reflexão sobre amor próprio, valorização da estética negra e empoderamento, promovidas a partir de sua interpretação da música *A Tal da Beleza* de Guido Del Duca, composta por este, pelo próprio Marte MC e por Kadu Mauad. Um dos trechos que evidencia a mensagem crítica envolta na letra, pode ser contemplado a seguir

*“Ame seu próprio ser como realmente é, acreditar em si:
isso é geralmente fé
Geral sente né? Geral crente é, autocontrole e
conhecimento pra saber onde por o pé
Seu cabelo é bom, sua pele é boa, é bonita e diferente de
qualquer outra pessoa
Não importa a cor, não importa a raça, o importante é ser
você não importa o que você faça”³*

Na sequência da programação, eu dei início a oficina de Stencil. Além de ensinar esta técnica de Graffiti que utiliza moldes reutilizáveis (vide subitem 9: “Graffiti interativo”, no Capítulo “Projeto Griot”), aproveitei para apresentar algumas personalidades e símbolos negros que muitos ali não tinham conhecimento. Na ocasião levei mais de vinte moldes do meu acervo pessoal de Stencils, que variavam de ícones do cinema, videogame, símbolos e personalidades históricas. Como na sequência eu daria início a oficina de customização de

³ Trecho da música “A Tal da Beleza”, de Guido Del’Duca part. Marte MC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rq-EGKZ4lv0>. Acesso em 25/11/16.

camisetas – pois já havia informado a Zezé que pudesse avisar a comunidade que quem se interessasse poderia levar camisetas sem estampa para que fossem customizadas na hora – e haviam muitas crianças e jovens neste momento, iniciei mostrando uma imagem do personagem Sonic, do jogo homônimo de Mega Drive, perguntando a eles se conheciam tal personagem. Todos reconheceram-no de imediato. Em seguida, apresentei o Stencil do personagem Seu Madruga, do clássico seriado Chaves e novamente, todos ali presentes gritam seu nome. Porém, quando apresentei o Stencil de Martin Luther King imaginando ter o mesmo reconhecimento, não obtive este retorno. Infelizmente ninguém manifestou conhecê-lo sequer quando citei seu nome. Conte então de maneira breve, sua biografia e importância para a promoção da igualdade racial.

Segui fazendo o mesmo com os grandes ícones e símbolos negros dos quais dispunha Stencils e imagens no momento: Rosa Parks, Angela Davis, Nelson Mandela, Zumbi dos Palmares, Dandara dos Palmares, Nina Simone, Malcom X, Muhammad Ali, Panteras negras e Movimento Negro Unificado. Dentre esses, apenas Mandela e Zumbi foram reconhecidos. Não pude deixar de lamentar a constatação na prática, de como a hegemonia branca obteve lamentável sucesso em seu objetivo de anular e omitir a história do povo negro ao longo dos anos. Não se trata pois de uma peculiaridade dessa comunidade em questão; eu observo o desconhecimento sobre a história dos negros diariamente nas escolas em que leciono, mas por se tratar de uma comunidade remanescente quilombola este fato foi particularmente doloroso. Espero retornar para empregar outras atividades propostas neste projeto que não foram aplicadas neste dia e pretendo trabalhar especialmente este aspecto que tange a história não contada de nossos antepassados negros, que apesar de suas inestimáveis contribuições por uma sociedade mais justa, permanecem desconhecidos por muitos.

Após essa breve roda de conversa sobre os ícones e símbolos negros supracitados, pedi que cada um que estava com a camisa escolhesse um dos Stencils que estavam dispostos no chão para customizá-la e para os que não estavam, que escolhessem a imagem que gostariam usar para confeccionarem os próprios moldes. Precisei de grande ajuda da equipe neste momento, pois o número de jovens superou em muito minha expectativa e como levei estiletes, tintas para tecido e sprays, o cuidado com as crianças precisou ser redobrado. Muitos jovens fizeram camisetas, outros optaram por fazer o Stencil na cartolina afim de imortalizá-lo em um pôster em suas próprias casas, outros treinaram com os sprays na parede e etc.

Me surpreendi quando uma mulher perguntou se podia fazer com uma imagem de uma negra com penteado Black Power que estava no varal poético. Transpus a imagem para o acetado e dei-lhe a original como recordação. Catrina (caveira mexicana), Sonic, Mandela e

Zumbi foram, nesta ordem, recordes de escolha da comunidade para customização das camisetas e confecção de pôsters; os demais ícones negros apesar de eventualmente escolhidos por alguns foram minoria. Frida Kahlo, apesar de também desconhecida por muitos, também foi bastante escolhida. Ambas oficinas, de Stencil e customização de camisetas são processos que demandam muito tempo e como já estávamos nos aproximando das 18:00, fui procedendo ao encerramento enquanto a equipe de Capoeira já se posicionava na quadra da escola.

O encerramento, que acompanhei pouco pois fiz questão de arrumar pessoalmente, com ajuda de outros membros da equipe e da comunidade, a bagunça decorrente das oficinas que ministrei, não poderia ser mais perfeito. O grupo “Sementes de Angola”, realizou uma roda de capoeira incrível juntamente com apresentações de Maculelê e Congado com que fomos apresentados pelos membros da comunidade. Muito sensíveis e carismáticos, mais do que apresentar os movimentos da Capoeira, a equipe promoveu uma reflexão sobre corporalidade, consciência e resistência que permeiam a prática da Capoeira e que encerrou com chave de ouro o projeto na comunidade. Símbolo de transgressão e resistência, considerada arte, dança e luta, a Capoeira apesar de ter passado por diversas mudanças como o passar dos anos, não perdeu esta identidade, pois segundo Munanga&Gomes

Dentro do universo dos capoeiras encontramos filosofias e modos diferentes de ver e interpretar a própria capoeira e sua origem. No entanto, a história de luta e resistência, somada a expressão do corpo, à educação dos sentidos, à relação do homem com a natureza e com a cultura continuam sendo dimensões muito expressivas dessa luta arte e dança (MUNANGA&GOMES, 2004, p. 160-161).

Infelizmente enquanto nos aproximávamos do final o sentimento que imperava era de que o Projeto devia durar mais e se estender também pela noite, mas como alguns membros da equipe tinham horário para retornar a Juiz de Fora e o motorista do ônibus disponibilizado pela Prefeitura de Bias Fortes já estava preocupado com a possibilidade de ter de retornar sem luminosidade – já nos aproximávamos das 19:00 e como a comunidade está localizada na Zona Rural o percurso envolve um trecho de estrada de terra – tivemos que proceder ao encerramento do evento. Agradeço especialmente ao MC Wandin que se dispôs a ficar um tempo além do que eu havia lhe prometido para que o momento da Capoeira pudesse ser ampliado um pouco mais. Muitos da equipe, inclusive esta que vos fala, se emocionaram muito no momento da despedida. Tanto pela alegria frente ao sucesso do Projeto Griot, quanto pela saudade que já se descortinava frente a incerteza de “se” e “quando” teríamos outra oportunidade de retornar, nos emocionamos por ter que deixar aquele lugar ímpar, com

pessoas extraordinárias daquelas que poucas vezes se tem oportunidade de conhecer em vida. Pessoalmente acredito que toda experiência de ensino constitui em uma troca, nunca há apenas alguém que ensina e outro que aprende, pois mesmo que de maneira despreziosa ou inconsciente, percebo a todos como simultaneamente professores/as e alunos/as.

Todos temos algo a ensinar a partir de nossa história, memória e vivência, e posso afirmar que na Colônia do Paiol, o conhecimento e os mestres ali presentes são abundantes. Por fim, só tenho a agradecer a oportunidade de conviver e aprender com todos/as aqueles/as com quem compartilhei aquele dia e torcer para que esta seja apenas a primeira de muitas oportunidades. Não posso dizer por eles, mas para mim, esta foi uma experiência inesquecível, das mais valorosas que tive o privilégio de vivenciar. A Zezé e a todos da comunidade que tão carinhosamente nos acolheram e se dispuseram a compartilhar seu dia de domingo conosco, deixo novamente meus sinceros agradecimentos e anseios por um reencontro próximo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Inallete Pinheiro. Construindo a autoestima da criança negra. In.: MUNANGA, Kabengele.(Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília, Ministério da educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília. Ministério da Educação, 2004.

CANTARELA, Antonio Geraldo. Traços do proprium cultural africano e sua relação com o sagrado. *Dossiê: Religiões afro-brasileiras*. Belo Horizonte, v.11, n.29, p.88-108, jan./mar, 2013.

CAPONE, Stefania. Entre Iorubas e Bantos: A influência dos estereótipos raciais nos estudos afro-americanos. *Revista Antropológica*. Niterói. n.19, p.63-90, 2º sem, 2005.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In.: LANE, Silvia T. M. & CODO, Wanderley (Orgs.). *Psicologia social: O homem em movimento*. Ed. Brasiliense, 1994.

CECCHETI, Elcio. Diversidade religiosa e Currículo Escolar: Presenças, ausências e desafios. *Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*. Caixias do Sul: 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17a Ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.

GOMES, Ana Beatriz S. Gomes & JUNIOR, Henrique Cunha (Orgs.). *Educação e afrodescendência no Brasil*. Fortaleza:UFC, 2008.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, Revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v26n1/05.pdf>. Acesso em: 01 nov 2016.

MUNANGA, Kabengele & GOMES, Nilma Lino. *Para Entender o Negro no Brasil Hoje: Histórias, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo, Global: Ação educativa, assessoria, pesquisa e informação. Coleção Viver, aprender. 2004.

PRANDI, Reginaldo. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. *Revista da USP*, São Paulo, 46, jun/ago, 2000.

ROCHA, Rosa Margarida Carvalho. *Construindo uma educação antirracista: Cosmóvisão Africana, Sustentabilidade e Educação Um diálogo possível? Referenciais para a Prática pedagógica*. 2009. Editora Nanyala. Disponível em: http://proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/Vseminario/Anais_V_Seminario/progtext/Rosa%20Margarida%20Carvalho%20Rocha.pdf. Acesso em: 01 nov 2016.

SANTIAGO, Emerson. Griot. 2012. Disponível em: <http://www.infoescola.com/curiosidades/griot/>. Acesso em 01 nov 2016.

SANTOS, André de Oliveira. Batuques e Samba: afirmações da identidade afro-descendente. In.: FELINTO, Renata.(Org.). *Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: Saberes*

para professores, fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais. Belo Horizonte, 2013.

SANTOS, Milton Silva dos. Afinal o que são as religiões afro-brasileiras?. In.: FELINTO, Renata.(Org.). *Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: Saberes para professores, fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais*. Belo Horizonte, 2013.

SILVA, Djalma Antônio da. *O passeio dos quilombolas e a formação do quilombo urbano*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), 2005.

VAZ, Sérgio. *A vida é loka*. Portal Géledes – Instituto da mulher negra. 2015. Disponível: http://www.geledes.org.br/vida-e-loka-por-sergio-vaz/#gs.7mp_M8g. Acesso em 01/11/2016.

ANEXOS: FOTOGRAFIAS

Obs.: A cobertura fotográfica foi feita de maneira coletiva pela equipe convidada para a realização do projeto, que se alternava para fotografar enquanto outro artista realizava sua apresentação, ou quando algum aspecto chamava-lhe a atenção. A autoria das fotos portanto não pertence exclusivamente a autora, pois trata-se de uma autoria conjunta que engloba além desta, todos os membros da supracitada equipe.



Foto 1: Moradores da Colônia do Paiol durante roda de conversa inicial.



Foto 2: Crianças da comunidade posando para a foto.



Foto 3: Moradores da comunidade, detalhe para criança com Stencil.



Foto 4: Moradores da comunidade da Colônia do Paiol.



Foto 5: Detalhe de parte do “Varal Poético”.



Foto 6: Crianças da comunidade da Colônia do Paiol atentas as rodas de conversa.



Foto 7: Meninas dançando durante oficina de Hip Hop Dance do Bboy Zebu.



Foto 8: Oficina de Hip Hop Dance com Bboy Zebu.



Foto 9: Bboy Zebu e morador da comunidade dançando durante oficina de Passinho.



Foto 10: Morador da Colônia do Paiol mostrando suas habilidades de dança.



Foto 11: Outro morador da Colônia do Paiol dançando na oficina de Passinho do Bboy Zebu.



Foto 12: Zezé cantando durante oficina de Passinho.



Foto 13: Jovens da comunidade durante apresentações de dança.



Foto 14: MC Gama durante roda de conversa sobre “Genocídio negro”.



Foto 15: Comunidade atenta durante roda de conversa do MC Gama.



Foto 16: Sarau poético com Poeta Verazz.



Foto 17: Detalhe do público durante sarau realizado pelo Poeta Verazz.



Foto 18: MC's Wandin e Marte realizando alongamento após o intervalo para almoço.



Foto 19: Pocket show do MC Wandin.



Foto 20: Público durante apresentação do MC Wandin.



Foto 21: Roda de conversa e pocket show do Marte MC.



Foto 22: Público durante apresentação do Marte MC.



Foto 23: Jovens mulheres da Colônia do Paiol.



Foto 24: Jovens durante apresentação dos MC's.



Foto 25: Diferentes gerações de moradoras da Colônia do Paiol durante o projeto.



Foto 26: Moradores da Colônia do Paiol.



Foto 27: Zezé com seu filho.



Foto 28: Crianças durante oficina de customização de camisetas através de Stencil.



Foto 29: Detalhe da arte feita pelos jovens no muro da escola durante oficina de Stencil.



Foto 30: Crianças da comunidade na roda de Capoeira do grupo “Sementes de Angola”.



Foto 31: Jovens da comunidade na roda de Capoeira.



Foto 32: Jovem durante roda de Capoeira e meninos vestidos para o Maculê ao fundo.



Foto 33: Crianças da comunidade gingando na roda de Capoeira.



Foto 34: Demontração da Lara e Kelly do grupo “Sementes de Angola”.



Foto 35: Jogo de Basquete com a comunidade ao final do projeto.